

Quando se iniciou, há cerca de sete anos, a Revista *Infanto* constituiu-se na perspectiva de um espaço a ser construído, destinado a discussões e debates na área da *Psiquiatria da Infância e da Adolescência*.

Em um primeiro momento, muitos foram aqueles que a consideraram um desperdício de tempo e de energia, uma vez que a especialidade era incipiente e, em consequência, o aporte de trabalhos deveria ser pequeno e sem nenhuma expressividade.

Hoje, alguns anos depois, estamos felizes em verificar que ela se constitui no único espaço destinado a se pensar a *Psiquiatria da Infância e da Adolescência* em toda a América do Sul, tendo estabelecido relações com diversos países da América Latina, que nos têm enviado, de maneira regular, suas contribuições e pensamentos.

Da mesma maneira, o intercâmbio com colegas da Europa tem se feito presente, fato esse verificado por meio de artigos provenientes de Portugal, Espanha, Itália, Bélgica e França, todos publicados no decorrer desse período. Esse fato só reforça a idéia de que é de fundamental importância acreditarmos em nossas possibilidades de reflexão e de pensamento, uma vez que só a partir delas é que deixaremos de ser uma cultura subdesenvolvida e sem raízes culturais ou intelectuais.

Como refere um compositor popular da região do vale do São Francisco, "... andam falando que nós é caipora, que nós tem que aprender inglês, que nós tem que fazer chuchecho ("sucesso") fora, deixa de bestagem, nós nem sabe portuguêsis..."

Em *Psiquiatria* e, principalmente, em *Psiquiatria da Infância e da Adolescência*, o mínimo de noção de realidade que temos de possuir é que vivemos em um país terceiro-mundista, sem condições de produzir pesquisas de ponta, em função de nossas carências e misérias. Assim, não somente utópica, mas francamente psicótica, é a idéia de que devemos estabelecer parâmetros desvinculados da realidade e alicerçados na experiência norte-americana, a qual tomamos como modelo e, principalmente, somos por ela cooptados e dominados culturalmente, numa demonstração inequívoca de nossa mediocridade, de nossa falta de capacidade para enfrentarmos as dificuldades com soluções originais e, principalmente, na necessidade de macaquearmos, de maneira semelhante aos selvagens de 500 anos atrás, seduzidos pelos espelhos e colares de miçangas, o colonizador que mina as idéias e a cultura características de nosso povo.

Assim, este número se propõe a mostrar as idéias apresentadas em um simpósio realizado pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

É óbvio que seria impossível pensarmos que o padrão de idéias seja tão produtivo como os de Yale ou de Harvard, para falarmos somente naquelas mais prestigiadas pela nossa inteligência tupiniquim. Entretanto, ela representa o que somos, do que podemos e do que não podemos nos envergonhar; devendo, isso sim, esforçarmo-nos para transformar num processo de aquisição de identidade cultural própria.

Apresentamos, assim, um número especial, o segundo de nossa história, no qual entregamos aos 20 mil leitores atuais um pouco do que é a *Psiquiatria da Infância e da Adolescência* em nosso país.

Esperamos que seja do agrado de todos.

Francisco B. Assumpção Jr.